

**A Agência Radio e a Lusitânia:
Contributos para o estudo das agências noticiosas em Portugal**

José das Candeias Sales

Universidade Aberta,
Centro de História da Universidade de Lisboa (CHUL)

jose.sales@uab.pt

Susana Mota

CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa,

Universidade dos Açores

susana-mota@hotmail.com

Resumo:

Partindo de uma investigação em Recepção da Antiguidade, demonstramos o caminho percorrido para caracterizar a realidade obscura das agências de notícias a actuar em Portugal nos anos da década de 20 do século XX, com especial enfoque para duas agências cuja presença ofuscava, claramente, a suposta exclusividade da *Havas*: a *Agência Rádio* e a *Lusitânia*.

Palavras-chave: Imprensa portuguesa (1922-1939), Agências de notícias, *Agência Rádio*, *Lusitânia*

Abstract:

Starting from an investigation in Reception of the Antiquity, we demonstrate the path taken to characterize the obscure reality of news agencies operating in Portugal in the 1920s of the 20th century, with a special focus on two agencies whose presence clearly overshadowed the alleged exclusivity of *Havas*: the *Agência Rádio* and *Lusitânia*.

Keywords: Portuguese Press (1922-1939), News agencies, *Agency Rádio*, *Lusitânia*

Há cerca de um ano a esta parte iniciámos um projecto de investigação no âmbito dos Estudos da Recepção, no caso concreto da Recepção da Antiguidade, centrado nos relatos sobre a descoberta do túmulo de Tutankhamon⁷⁷⁸ na imprensa portuguesa (jornais e revistas). Definimos como balizas cronológicas para a nossa pesquisa os anos de 1922 e de

⁷⁷⁸ Tutankhamon foi o 12º faraó da XVIII Dinastia do Império Novo que governou o Egipto durante cerca de 10 anos (1333-1323 a.C.), tendo subido ao trono ainda criança (talvez com 8 anos) e morrido ainda antes de chegar aos 20 anos. Ficou conhecido essencialmente pela excepcional descoberta do seu túmulo (KV 62), no Vale dos Reis, com os selos intactos, cerca de 3000 anos depois da sua morte.

1939. A primeira data, o momento *terminus ante quem*, decorre, obviamente, do momento específico da descoberta e início da escavação do túmulo de Tutankhamon (objectivamente a partir de 4 de Novembro) e da consequente disseminação da informação. A segunda data, *terminus ad quem*, assinala, simultaneamente, o ano da morte de Howard Carter⁷⁷⁹ e da descoberta de outros túmulos intactos – em Tânis, no Delta Oriental – pelo arqueólogo francês Pierre Montet.

Da pesquisa efectuada presencialmente na Biblioteca Nacional de Portugal (BNP) e em jornais disponíveis *online* nos *websites* da Hemeroteca Municipal de Lisboa, da Fundação Mário Soares ou da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (BGUC) resultou a detecção de 216 documentos distintos (notícias, artigo de opinião, artigos de curiosidades, artigos de cariz “científico”, reprodução de texto sem trabalho jornalístico, reportagem copiada/baseada em publicações estrangeiras), sendo que 138 deles (64%) são notícias telegráficas.

Nos 17 anos entre 1922 e 1939 sobressaem os anos de 1923 e 1924 pelo número de notícias publicadas sobre a descoberta do túmulo de Tutankhamon, sendo que cerca de 90% são notícias de agência.

Foi, portanto, no âmbito deste projecto que surgiu a necessidade de conhecer, de forma aprofundada, a realidade da imprensa portuguesa da época e principalmente as agências de notícias, ou agências telegráficas como também eram chamadas, com as quais os jornais portugueses trabalhavam no período estabelecido.

O recurso à bibliografia existente sobre o assunto confrontou-nos com uma realidade bastante simples: a agência estrangeira com a qual os jornais portugueses trabalhavam era a agência *Havas*, a quem calhou, depois do acordo com as outras agências mundiais⁷⁸⁰ – *Reuter*, *Associated Press* e *Wolff* –, o domínio sobre o território português.

Os primeiros despachos informativos da *Havas* chegaram a Portugal, ao jornal *Diário de Notícias*, em 1866, mais concretamente a 10 de Março de 1866. Em Portugal, a *Havas*

⁷⁷⁹ Howard Carter (1874-1939), arqueólogo britânico a quem se deve a descoberta do túmulo de Tutankhamon, em 1922. Em 1899, foi o primeiro inspector-chefe do Serviço das Antiguidades Egípcias, cargo que já não exercia quando, em 1907, foi contratado por George Edward, o 5º Conde de Carnarvon, vulgarmente conhecido como Lord Carnarvon, para supervisionar as escavações que ele financiava no Egipto. Foi justamente ao seu serviço que, a 4 de novembro de 1922, encontrou os 15 degraus que levariam à descoberta do túmulo do jovem faraó egípcio.

⁷⁸⁰ A primeira versão deste acordo foi assinada em 1859 (Unesco, 1953: 18-19).

estava sediada na *Casa Havaneza*, no Chiado, em Lisboa, naquela que é actualmente a mais antiga tabacaria de Lisboa. A *Casa Havaneza* era, à época, um ponto de encontro obrigatório dos lisboetas. Boléo (2004: 73) diz: “A *Casa Havaneza* foi um dos pilares da vida social de Lisboa.”

À sucursal de Lisboa da *Havas* chegavam os telegramas que eram enviados posteriormente para os jornais, mas que eram também afixados para poderem ser lidos pelos interessados. Na obra *O Crime do Padre Amaro*, Eça de Queiróz (1879, 609-610) descreve com minúcia esta situação:

“Nos fins de Maio de 1871 havia grande alvoroço na Casa Havanesa, ao Chiado, em Lisboa. Pessoas esbaforidas chegavam, rompiam, pelos grupos que atulhavam a porta, e alçando-se em bicos de pés esticavam o pescoço, por entre a massa dos chapéus, para a grade do balcão, onde numa tabuleta suspensa se colavam os telegramas da ‘Agência Havas’; sujeitos de faces espantadas saíam consternados, exclamando logo para algum amigo mais pacato que os esperara fora: - Tudo perdido! Tudo a arder! [...] Com efeito, a cada hora, chegavam telegramas anunciando os episódios sucessivos da insurreição batalhando nas ruas de Paris: telegramas despedidos de Versalhes num terror dizendo os palácios que ardiam. As ruas que se aluíam; [...] O Chiado lamentava com indignação aquela ruína de Paris. [...]”

Este papel da *Havas* como fornecedora de notícias, primeiro ao *Diário de Notícias* e depois aos restantes jornais, é assumido em exclusividade, isto é, a *Havas* seria a única agência a actuar em Portugal.

Na obra *Agências de Notícias de Portugal*, de Batista (2007: 47), podemos ler:

“Foi neste contexto que nasceu o Diário de Notícias (DN) em 1864. Dois anos depois, o DN tornou-se o primeiro jornal português a publicar despachos de uma agência noticiosa, mais precisamente, a 10 de Março, ao iniciar a publicação das participações telegráficas da agência Havas, aproveitando o facto de esta ter ficado com o exclusivo da distribuição do noticiário em Portugal, depois do acordo de 1859. Durante muitos anos, este foi o único sinal da presença das agências estrangeiras em Portugal, até porque, entretanto, o país conheceu novas revoluções e, em 28 de Maio de 1926, um novo golpe militar que provocou o fim da Primeira República, estabeleceu a ditadura e reinstalou a censura.”

Afirma-se claramente não só a ideia da exclusividade da *Havas*, como o facto de esta exclusividade ser assumida por um período de mais de 60 anos, durante os quais nada de diferente teria ocorrido⁷⁸¹. Miranda (2014: 39), no entanto, abre um pouco mais o espectro de actuação das agências estrangeiras em Portugal:

“O acordo firmado em 1859 entre a Reuter, a Wolff e a Havas garantiu a esta última a exploração ativa nesta região. A situação de privilégio garantida à agência Havas não significou, no entanto, em termos práticos, uma exclusividade de acção. [...] Nas páginas do Diário de Notícias encontramos referências não apenas à Agência Havas, mas a outras agências de informação, o que significa que a agência francesa não detinha, pelo menos diretamente, o monopólio do mercado informativo. A Fabra, a Agência Telegráfica Sub Marina, a Reuter, a Agência Peninsular, a Agência Americana Telegráfica, a Agência Bullier também

⁷⁸¹ Silva (2002: 3) mantém esta mesma lógica de análise e destaca o vazio entre a chegada da *Havas* a Portugal e o Golpe Militar de 28 de Maio de 1926.

mantiveram relações, de forma mais ou menos continuada, com a organização do jornal, surgindo identificadas como fonte de muitas notícias, relativas sobretudo a assuntos externos.”

A mesma autora aponta também que a posição privilegiada da *Havas* se manteve até 1930, quando o mercado foi oficialmente aberto à *Reuter*, à *United Press* e à *Associated Press* (Miranda, 2014: 40).

A questão das agências a operar em Portugal parece, então, ficar relativamente definida: a *Havas* dominava, teoricamente com o exclusivo, e algumas outras agências poderiam igualmente surgir, pelo menos no *Diário de Notícias*⁷⁸². No entanto, quando confrontámos estas ideias com os dados reunidos no âmbito do nosso projecto de base, as informações não se conjugam e algumas questões se levantam de imediato.

Nas 138 notícias do nosso *corpus* que são atribuídas as agências noticiosas, podemos identificar e contabilizar várias agências a funcionar em Portugal:

		<i>Identificação da origem da notícia</i> ⁷⁸³							Total por ano	
		<i>Radio (R.)</i>	<i>Lusitânia (L.)</i>	<i>Havas (H.)</i>	<i>DNB</i>	<i>Reuter</i>	<i>Não Identificada</i>	<i>Especial</i> ⁷⁸⁴		<i>''Século''</i> ¹⁶
Ano de publicação	1922	1	-	-	-	-	-	-	-	1
	1923	40	-	5	-	-	11	1	3	60
	1924	18	33	3	-	-	7	-	4	65
	1925	2	1	-	-	-	1	-	-	4
	1939	-	-	4	3	1	-	-	-	8
Total por agência		61	34	12	3	1	19	1	7	138

Tabela 1: Identificação e contabilização das agências telegráficas no *corpus* de notícias sobre a descoberta do túmulo de Tutankhamon nos jornais portugueses

⁷⁸² Miranda (2005: 142-3) apresenta uma tabela onde sistematiza as agências presentes no *Diário de Notícias* entre 1866 e 1889.

⁷⁸³ A contabilização das agências apresentada nesta Tabela é feita com base na informação que era colocada no final da notícia, que tanto podia aparecer por extenso, isto é, escrevendo o nome da agência, como usando apenas a primeira letra. De notar que nem sempre esta informação é colocada. Alguns jornais, como, por exemplo, *O Comércio do Porto*, raramente o fazem. Neste caso, na Tabela 1, estas notícias são contabilizadas em “Não identificada”.

⁷⁸⁴ Teoricamente, o ‘*Especial*’ seria usado nos telegramas que eram enviados, em especial, para determinado cliente (Crato, 1992: 99). No caso de *O Século*, um grande número de textos aparece como sendo do próprio jornal com a indicação “(*Século*)”. Na verdade, considerando exemplos reunidos no nosso corpus, percebemos que tanto no caso das notícias identificadas com “(*Século*)” como com o “(*Especial*)”, se compararmos estas notícias com outras publicadas noutros jornais a diferença é pouca, se é que chega a existir.

Para complementar estes dados e alargar o âmbito da análise, realizámos também um levantamento comparativo entre dois jornais: o *Diário de Lisboa*⁷⁸⁵ e *A Capital*⁷⁸⁶, uma vez que ambos cobrem o período em análise e estão disponíveis *online*, o que facilita o tipo de consulta necessária e pretendida. As datas consideradas têm em conta o início da publicação do *Diário de Lisboa* e o fim da publicação regular de *A Capital*. A contabilização das notícias cuja agência aparece identificada foi, por opção nossa, feita nos dois jornais em dois meses de cada ano: Abril e Agosto de 1921 e Janeiro e Agosto nos anos seguintes. Apresentamos seguidamente uma tabela com os dados reunidos.

		<i>Havas</i> (H.)	<i>Radio (R.)</i>	<i>Lusitânia</i> (L.)	<i>Latino-Americana</i> (L.A.)	<i>Americana</i> (A.)	<i>United Press</i> (U.P.)
1921	Abril	111	184	---	---	77	---
	Agosto	149	135	---	---	55	143
1922	Janeiro	60	161	---	81	2	63
	Agosto	77	---	---	247	7	---
1923	Janeiro	112	151	---	---	---	---
	Agosto	51	190	40	---	1	---
1924	Janeiro	12	107	83	---	2	---
	Agosto	37	140	249	---	17	---
1925	Janeiro	58	144	189	---	1	---
	Agosto	257	---	179	---	22	---
1926	Janeiro	180	---	161	---	18	---
	Agosto	194	---	47	---	50	---
TOTAL		1298	1212	948	328	252	206

Tabela 2: Contabilização das agências presentes no *Diário de Lisboa* e n' *A Capital*

⁷⁸⁵ O *Diário de Lisboa* foi um jornal lisboeta, vespertino, publicado regularmente entre 7 de Abril de 1921 e Novembro de 1990. Originariamente republicano foi um jornal de referência que esteve presente durante um longo período da história do país (Lemos, 2006: 256 – 260). Este jornal está actual disponível online no site da Fundação Mário Soares / Casa Comum: http://casacomum.org/cc/diario_de_lisboa/.

⁷⁸⁶ *A Capital* – *Diário Republicano da Noite*, foi um jornal lisboeta, vespertino, publicado regularmente entre 1 de Março 1910 e 27 de Agosto de 1926. A partir desta data, a publicação é esporádica apenas para preservação de título. Era um jornal, tal como o título indica, republicano, com uma postura assumidamente doutrinária (Lemos, 2006: 158-9). Este jornal está actualmente disponível online no site da Hemeroteca Digital: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/ACapital/ACapital.HTM>

No que respeita às notícias sobre a descoberta do túmulo de Tutankhamon (Tabela 1), a simples observação da tabela permite perceber que a agência com mais notícias é a *Agência Radio* (61), a segunda é a *Lusitânia* (34), aparecendo a *Havas* – a que supostamente detinha a exclusividade – apenas em terceiro lugar com 12 notícias (apenas 8 dos anos 20).

Já na tabela 2, a *Havas* tem o maior número de notícias, e é também a única presente em todos os meses estudados. Porém, não só é facilmente perceptível a existência de várias outras agências como também que, em muitos períodos, o número de notícias veiculados por essas agências é superior ao da *Havas*. A *Radio* e a *Lusitânia*, uma vez mais, têm uma posição de grande destaque.

Pelos dois conjuntos de dados apresentados (Tabelas 1 e 2), entendemos claramente que não só a *Havas* não detinha o exclusivo da informação em Portugal como enfrentava uma forte concorrência que em muitas ocasiões lhe roubava a primazia.

Vejamos, assim, com maior detalhe as características e o papel dessas outras agências, com destaque especial para a *Radio* e a *Lusitânia*, sem deixar de registrar algumas notas sobre as outras agências presentes na tabela 2: a *United Press* (UP), a *Americana* (A) e a *Latino-Americana* (L.A. ou Lat. Am.).

A *United Press* foi a agência que mais notícias forneceu ao *Diário de Lisboa* em Agosto de 1921 e a segunda em Janeiro de 1922⁷⁸⁷. A *United Press Associations* era uma agência americana, fundada, em 1907, por Edouard Wyllis Scripps. Esta nova agência acabou por se posicionar como concorrente das que na altura ‘dominavam’ o mundo – *Havas-Reuter-Wolff-Associated Press* – e começou a trabalhar com jornais europeus a partir de 1921 (Unesco, 1953: 58-9).

A *Americana* está presente em todos os meses analisados com excepção de Janeiro de 1923. Não é uma agência que se destaque pelo número de notícias fornecido, mas sim pela presença constante, continuada, nos jornais.

Foi através de notícias publicadas em jornais brasileiros que ficámos a conhecer a origem e âmbito desta agência. No Jornal *O Paiz* (Rio de Janeiro), numa notícia de 10 de Outubro de 1909 (p. 1), podemos ler:

“AGENCIA AMERICANA

⁷⁸⁷ Identificamos a presença desta agência do *Diário de Lisboa* desde Maio de 1921 até Julho de 1922. Só volta a aparecer muito mais tarde em 1930.

Encetamos hoje um novo serviço telegráfico, inaugurado pela Agencia Americana, fundada para estreitar e desenvolver as relações de imprensa entre todas as Republicas da America, e tambem para pôr em contacto mais intimo os jornaes de todos os Estados do Brazil. O serviço da America do Sul, iniciado hoje pela Agencia Americana, é apenas, por ora, o primeiro passo para um systema completo de informações politicas, industriaes e comerciaes. É uma iniciativa particular destinada, acreditamos, a brilhante successo. (...)⁷⁸⁸

No Jornal *A Notícia* (também do Rio de Janeiro), num texto de 8/9 de Outubro de 1909 (p.1), escreveu-se:

“AGENCIA TELEGRÁFICA

Varios jornaes de domingo devem iniciar a publicação de um novo serviço telegráfico da Agencia Americana fundada aqui com excelentes elementos de actividade e competência.

Até agora, em geral, a imprensa se preocupa muito mais com informações telegraphicas do velho continente, do que com as da America; e sabemos, ás vezes mais rapidamente o que se passa na Russia do que o que ocorre no Uruguay.

É a esta omissão que vem attender a nova agencia. (...)⁷⁸⁹

A *Agência Americana* era, pois, uma agência brasileira, fundada no Rio de Janeiro, no início de Outubro de 1909¹³, tendo por objectivo funcionar como um serviço de informação que visava aproximar os países da América ⁷⁹⁰do Sul. No entanto, o serviço desta agência acabou por ultrapassar largamente estas fronteiras, tendo chegado à Europa pelo menos em 1916. Identificámos referências a esta agência no jornal francês *Le Temps* a 28 de Janeiro de 1916⁷⁹¹ e, em Portugal, no jornal *A Capital*, em Maio do mesmo ano⁷⁹². Aliás, neste jornal, durante muito tempo, antes da década de 20, a *Americana* é a única a aparecer a par da *Havas*.

A *Latino-Americana* é a quarta agência mais representada no levantamento que fizemos, sendo até a que apresenta o maior número de notícias em Agosto de 1922. Esta agência telegráfica surgiu a partir da primeira empresa portuguesa de publicidade para jornais⁷⁹³, com o mesmo nome, fundada por Virgínia Quaresma (Lousada, 2010:3; Seixas, 2004: 138-

⁷⁸⁸ Ver: http://memoria.bn.br/DocReader/178691_03/21100 [acedido a 13/04/2017].

⁷⁸⁹ Ver: <http://memoria.bn.br/DocReader/830380/15510> [acedido a 13/04/2017].

⁷⁹⁰ Segundo Seixas (2004: 138) esta agência terá sido fundada em 1908 por Olavo Bilac, Medeiros e Albuquerque e De Ambris. Ideia que não coincide com as datas das notícias transcritas.

⁷⁹¹ Ver: <http://www.retronews.fr/journal/le-temps/28-janvier-1916/123/643579/1> [acedido a 13/04/2017].

⁷⁹² A *Americana* tinha uma sucursal em Portugal que, pelo menos desde 1919, era dirigida por Virgínia

Quaresma, figura de grande relevo nesta agência e também na *Latino-Americana*. Para mais sobre Virgínia Quaresma, figura incontornável no universo jornalístico português e também activa defensora dos direitos da mulher e do pacifismo, ver a tese de Seixas (2004) e Lousada (2010).

⁷⁹³ Vide notícias publicadas n' *A Capital*, a 15 de Setembro de 1918, p.1, a 20 de Novembro de 1918, p.1, e a 28 de Agosto de 1919, p.2, intitulada *O império da publicidade. Uma grande e nova força*, onde se pode ler: “Em Portugal, onde tudo anda sempre atrasado, adianta-se, todavia, n’este ponto, tendo começado uma agência de publicidade a sua tarefa com um êxito surpreendente. É a agencia Latino Americana, (...)” Vide também anúncio a esta empresa publicitária no jornal *A Capital* de 1 de Junho de 1920, p.1.

151). O jornal *O Século*, a 4 de Outubro de 1921 (p.2), publica uma notícia com o seguinte texto:

“EMPRESA LATINO-AMERICANA, constituída exclusivamente com capitaes portuguezes montará um serviço telegrafico internacional.
Consta que a Empresa de Publicidade Latino-Americana, constituída exclusivamente com capitaes portuguezes, está a montar serviços telegráficos que serão extensivos aos principaes paizes da Europa e da America, tendo por norma o levantamento do nome de Portugal no estrangeiro. Segundo consta tambem, a ser assim, a nossa ilustre colega sr.^a D. Virgínia Quaresma que faz parte da empresa Latino-Americana, desligar-se-ha da Agencia Americana, que como se sabe, é uma instituição brasileira, encarregando a sua direção ao sr. dr. João de Barros.”

Por esta notícia, percebemos que terá sido fundada em Outubro de 1921, com capitais portugueses. Era, portanto, uma agência noticiosa internacional exclusivamente portuguesa que operava a partir de Portugal. Considerando apenas os exemplos do

Diário de Lisboa e de *A Capital* ficamos a saber que ela aparece pela primeira vez n’*A Capital*, a 15 de Outubro de 1921, e a última no fim de Novembro de 1922; no *Diário de Lisboa*, a primeira notícia data de 12 de Janeiro de 1922 e a última de 11 de Novembro de 1922. Ou seja, o período de actuação da agência *Latino-Americana* ocorreu entre o final de 1921 e o final de 1922. Presumimos, assim, que foi uma agência de curta duração⁷⁹⁴, facto a que pode não ter sido alheia a questão colocada numa notícia d’*A Capital*, a 5 de Dezembro de 1921 (p.1):

“AGENCIA LATINO-AMERICANA

É justíssimo que o governo lhe conceda as prerrogativas de ordem moral que solicita
Esta agencia telegráfica de serviço internacional exclusivamente portuguesa, fundada com capitais portuguezes, apresentou aos poderes públicos uma representação pedindo certas prerrogativas de ordem moral para que melhor possa desempenhar o papel que se impoz de estabelecer uma vastíssima rede telegráfica de propaganda do nosso paiz que por vezes tão maltratado tem sido por certas agencias estrangeiras.

A Agencia Latino-Americana propõe-se ligar o paiz com as mais remotas regiões do mundo para tornar conhecidas todas as modulações da nossa vida social, impedindo as deturpações que tanto nos tem prejudicado no conceito mundial: ligar as colonias com a metrópole com o levantado objectivo de intensificar a propaganda dos seus productos o noticiar os progressos da sua civilização. Parte deste programa está já executado e a Agencia Latino-americana tem conquistado um lugar de destaque pela sua informação cuidada e minuciosa.

A exemplo do que em outros países se pratica que quasi todos teem agencias que os servem nos seus objectivos de expansão, chegando até a subsidia-las, natural é que o governo atenda os justos fundamentos de representação da Agencia Latino-americana, tanto mais que ela só pede auxilio de ordem moral.

Entendemos até que o governo não deve hesitar para que tenha á sua disposição gente portugueza dirigindo serviços de informação, que por esse meio possa contrariar os efeitos das notícias tendenciosas que tantas vezes de Badajoz, por exemplo, teem sido espalhadas aos quatro ventos, desacreditando o paiz.”

⁷⁹⁴ Seixas (2004: 151) aponta que em 1927 a empresa ainda figurava no *Anuário Comercial* e que desaparece em 1935, sendo que Virgínia Quaresma se fixou no Brasil em 1934. No entanto, enquanto agência de notícias, a *Latino-Americana* deixa de aparecer nos jornais consultados no fim de 1922.

No conjunto das notícias sobre a descoberta do túmulo de Tutankhamon (Tabela 1), a *Agência Radio* é a responsável por 61 das 138 notícias de agência (44%). Nos dados comparativos do *Diário de Lisboa* e *A Capital* (Tabela 2), a *Radio* aparece em segundo lugar, a seguir à *Havas*, no número total de notícias identificadas. Se considerarmos apenas o período de coexistência da *Radio* com as restantes agências listadas, ela assume o primeiro lugar: 1212 notícias da *Radio* para 667 da *Havas*. A agência foi por nós identificada em 14 dos jornais publicados no período em causa, sendo que no jornal *Novidades* num total de 400 notícias de agência publicadas até 15 de Janeiro de 1924, 213 são da *Radio*.

A presença e a relevância da agência *Radio* para os jornais portugueses dos anos 20 do século XX é inquestionável. Todavia, em flagrante contraste, a bibliografia portuguesa da especialidade é omissa em relação a ela.

Aparentemente, a *Radio* seria a agência francesa *Agence Radio* fundada a 4 de Fevereiro de 1916 sob a direção de Henri Turot⁷⁹⁵, agência de cariz nacional que terá encerrado em 1940 (Unesco, 1953: 16). Mas será que a *Agence Radio* francesa era realmente a mesma *Radio* mencionada nos jornais portugueses?

No jornal *A Capital*, a *Radio* tem uma aparição fugaz entre Setembro de 1918 e Janeiro de 1919 com poucas notícias e sempre relacionadas com a I Guerra Mundial, voltando a surgir apenas em Dezembro de 1920 a par da *Havas* e da *Americana*. No *Diário de Lisboa*, a *Radio* está presente desde o início sempre com uma posição destacada⁷⁹⁶.

Supostamente, desde Novembro de 1918 que a *Agence Radio* chegara a Portugal através de Alejo Carrera Muñoz, galego fixado no nosso país desde 1908, que depois de ter sido correspondente desta agência durante a Grande Guerra teria com ela feito um acordo de representação em Portugal (Paramés, 2013: 144)⁷⁹⁷. Nos jornais – portugueses, espanhóis e até brasileiros –, Alejo Carrera, empresário e respeitado homem da imprensa, é referido como correspondente ou director da *Radio*. Durante os anos 20, porém, a relação entre a

⁷⁹⁵ De acordo com Unesco (1953: 142) a *Agence Radio* teria sido fundada em 1918, contudo, numa notícia publicada a 30 de Novembro de 1917 no *Le Matin* o próprio director informa da data de fundação da agência. Ver <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5723387/f1.item> [Acedido a 18/04/2017]

⁷⁹⁶ No jornal *A Época* a Agência *Radio* é identificada como uma das três agências telegráficas com as quais o jornal trabalhava, a par da *Havas* e da *Americana*, desde 9 de Julho de 1919.

No jornal *A Época*, a Agência *Radio* é identificada como uma das três agências telegráficas com as quais o jornal trabalhava, a par da *Havas* e da *Americana*, desde 9 de Julho de 1919.

⁷⁹⁷ A Agência *Radio* (*serviço internacional telegraphico*) aparece listada no *Anuário Comercial*, na secção de “*Agencias telegraphicas*”, a partir de 1919.

Radio e Alejo Carrera é dissonante e está envolta em polémica. Senão vejamos alguns episódios marcantes.

A 7 de Abril de 1922 (p.2), *A Capital* publicou a seguinte notícia: “*Radio. A agencia «Radio» sociedade anonima com o capital de cinco milhões de francos, cuja séde social é em Paris, 42, rua Louis Le Grand, comunica-nos que nenhum laço nem nenhuma relação tem com a agencia «Radio» com séde em Lisboa.*”

A 30 de Janeiro de 1923 (p.1), por seu turno, o jornal *Imprensa Nova*, no âmbito de uma acesa disputa com Alejo Carrera que envolvia acusações de germanofilia e de publicação de notícias difamatórias de Portugal no estrangeiro, escrevia:

A Agencia “Bera” do sr. Alejo Carrera. Rima e é verdade...

Em resposta ao que temos aqui escrito da função germanofila da Agencia Radio – que até pelo nome vigariza, pois imitou o da verdadeira Radio, de Paris (...).

Esta nossa Radio-bera comprou a agencia ‘Méssageries de la Presse’, da qual extrai os telegramas, que distribui a bom preço pelos jornais, retendo os periódicos franceses até depois de impingir esses telegramas! (...)

A acusação de que as notícias eram retiradas dos jornais estrangeiros é repetida pela

Imprensa Nova, a 9 de Fevereiro de 1923 (p.1): “(...) *Mais uma vez repetimos que Dom Alejo Academico retém em seu poder os jornais estrangeiros que veem para o nosso país, e que só são distribuídos às redações 36 horas depois de Don Alejo ter feito o seu jogo germanófilo e financeiro. (...)*”

O próprio Alejo Carrera não nega estas acusações – ou, se quisermos, confirma-as – tendo em conta a carta de oferta de serviços que a própria agência usava, em que se apresentava como “*Radio. Agencia de Informações de todo o Mundo*”. Num documento enviado a 1 de Março de 1923 ao Director Geral do Ministério do Interior⁷⁹⁸ lê-se:

“(...) A Agencia ‘RADIO’ acaba de realizar uma organização especial para fornecimento de recortes de todos os jornais, revistas, etc. de Portugal, Espanha, França, Belgica e Inglaterra. (...) Para realizar este serviço a Agencia ‘RADIO’ contratou um especialista deste género e numeroso pessoal encarregado de examinarem todos os jornais e revistas que se editam em Portugal e nos paizes estrangeiros já citados.”

Neste caso em concreto, trata-se de uma oferta de recortes de notícias a título privado a indivíduos, “*políticos, artistas, escritores...*”, interessados em ter acesso a todas as notícias. Contudo, identifica que era um tipo de prática com que Alejo Carrera estava familiarizado.

Nem todos os jornais, todavia, partilhavam esta visão crítica e redutora acerca do serviço da *Radio: A Tribuna*, a 27 de Janeiro de 1923 (p.3), não hesita em identificar Alejo Carrera

⁷⁹⁸ Documento actualmente na Torre do Tombo, código de referência: PT/TT/MI-SG/9-5/128 - Ministério do Interior, Secretaria-Geral, mç. 328, lv. 5, n.º 69 (<http://digitarq.arquivos.pt/details?id=4370804>).

como “representante de uma empresa estrangeira de informação” e *O Correio da Manhã*, a 7 de Fevereiro de 1923 (p.1), no âmbito de um pedido do “*Director da Agencia Radio em Portugal*” para publicação de uma carta de esclarecimento, diz: “(...) e o sr. Carrera, pela sua parte, cremos que não faça mais do que transmitir aos jornais portuguezes o veneno que recebe da sede da agencia que representa em Lisboa.”

Em 1925, Alejo Carrera é novamente acusado de difamar Portugal através de notícias que enviava para o estrangeiro e, desta vez, o caso acaba por conduzir, primeiro, à sua prisão e, depois, à expulsão do país⁷⁹⁹. No processo da sua expulsão existente no Arquivo Histórico-Diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros⁸⁰⁰ consta uma carta de 10 de Outubro de 1925, escrita pelo responsável da *Agence Radio* de Paris onde podemos ler: “*M. Carrera dirigeait à Lisbonne une agence qu’il appelait ‘Agence Radio’ comme la nôtre mais qui, ainsi que je l’avais annoncé dans les journaux portugais, n’a rien de commun avec la mienne.*”

Do cruzamento destas informações, parecem-nos plausíveis algumas conclusões e hipóteses sobre a *Radio* e Alejo Carrera: a *Agencia Radio* francesa afirma – por duas vezes e em dois momentos diferentes – não ter qualquer relação com a *Agencia Radio* de Lisboa; Alejo Carrera, servindo-se da sua ligação à *Agence Radio* enquanto correspondente durante a I Grande Guerra, ou criou uma verdadeira agência telegráfica, em Lisboa, que serviu longamente os jornais portugueses (pelo menos até à sua expulsão de Portugal)⁸⁰¹ ou a agência *Radio* de Lisboa era apenas uma empresa que recolhia notícias publicadas nos jornais estrangeiros e depois as fazia chegar aos jornais portugueses, qual empresa de recortes.

Quanto à *Lusitânia*⁸⁰²: é a segunda ‘agência’ mais representada no conjunto das notícias do nosso projecto de base (Tabela 1) e a terceira na comparação entre o *Diário de Lisboa* e *A Capital* – sendo que no período de coexistência ela ultrapassa a *Havas* e a *Radio* assumindo

⁷⁹⁹ A melhor forma de acompanhar este processo é através das inúmeras notícias publicadas no jornal *A Tarde* entre 25 de Abril de 1925 e 15 de Junho de 1925.

⁸⁰⁰ CÓD. REFERÊNCIA: PT/AHD/3/MNE-SE-DNPEC/DGNPD-RNP/028/000002 -
TÍTULO:

Movimento revolucionário em Lisboa. Prisão e expulsão de Alejo Carrera __Proc.66; 103 (353,2 do CF da RNP até anos 30) (75450)

⁸⁰¹ No *Diário de Lisboa* e n’*A Capital*, a *Radio* deixa de aparecer na mesma altura em que Alejo Carrera é expulso do país.

⁸⁰² Também pode aparecer como *Luzitânia*.

o primeiro lugar (Tabela 2). Identificamos notícias da *Lusitânia* a partir do início de Agosto de 1923 e, considerando apenas o exemplo do *Diário de Lisboa*, ela continuará a aparecer até, pelo menos, 1930.

Infelizmente, apesar de a sua evidente relevância para os jornais da época – e para o nosso projecto –, o que nos levou a colocá-la numa posição de destaque, pouco mais podemos dizer sobre a *Lusitânia*. Não sabemos, inclusivamente, se é correcto chamá-la agência de notícias⁸⁰³, apesar de sabermos que fazia chegar aos jornais portugueses telegramas do estrangeiro⁸⁰⁴. A bibliografia da especialidade é totalmente omissa e, neste caso, nem os jornais da época por nós compulsados acrescentam qualquer informação adicional. Sabemos, no entanto, que esta *Lusitânia* não é aquela que é habitualmente considerada a primeira agência noticiosa portuguesa, a *Lusitânia* fundada cerca de 20 anos mais tarde, em 1944, por Luís Lupi. Partilham apenas o mesmo nome. Ter-se-á eventualmente de abrir uma outra entrada no rol das agências a operar em Portugal para esta *Lusitânia* dos anos 20, cuja presença nos jornais da época é bem evidente.

Em conclusão, um projecto de investigação situado na área dos Estudos de Recepção da Antiguidade, que nos fez mergulhar no mundo da imprensa portuguesa dos anos 20 do século XX, permitiu identificar um contexto onde nos parecem existir lacunas susceptíveis de serem colmatadas com investigação e estudo detalhado e aprofundado. Tal como o nosso título indica, o nosso objectivo essencial foi fornecer alguns contributos para a história das agências de notícias em Portugal neste período e pensamos que podemos, desde já, avançar com duas ideias ou conclusões seguras: por um lado, afastar definitivamente a ideia de exclusividade da *Havas* nos jornais portugueses e, por outro lado, em consequência, afirmar a necessidade de aprofundar o conhecimento sobre as outras agências que estavam em directa concorrência com ela.

Se a agência *Latino-Americana*, que se apresenta claramente como uma agência portuguesa, é merecedora de um estudo que permita posicioná-la correctamente na história das agências de notícias nacionais, a *Radio* e a *Lusitânia* exigem igualmente investigações mais sistemáticas. A primeira, embora envolva numa história nebulosa, tem, como

⁸⁰³ A título particular, Wilton Fonseca sugeriu-nos a possibilidade de se não se tratar de uma agência, mas sim da designação usada para identificar notícias enviadas para os jornais pelas legações portuguesas no estrangeiro. No entanto, não conseguimos validar nem refutar esta hipótese. Mas podemos afirmar que, de acordo com o Anuário Comercial não existia, em Portugal, nenhuma agência telegráfica, em 1924 e 1925, com esta designação.

⁸⁰⁴ Esta informação é muito clara no jornal *A Tarde*, de 5 de Janeiro de 1924.

procurámos aflorar, um percurso que é possível conhecer e, em continuidade, aprofundar. A segunda continua a ser um pequeno «mistério», digno, por isso, de exame e trabalho que a coloque definitiva e sustentadamente no mapa das agências noticiosas em Portugal.

Índice Bibliográfico

BATISTA, J. (coord.) 2007. *Agências de notícias de Portugal*. Lisboa: Lusa – Agência de notícias de Portugal, SA.

BOLÉO, L. 2004. *Casa Havaneza: 140 anos à esquina do Chiado*. Lisboa: D. Quixote.

CASTRO, R. 2013. *Agências de notícias: o caso da Lusa. Relatório de estágio*.

Faculdade de Letras: Universidade do Porto.

CRATO, N. 1992. *A Imprensa. Iniciação ao jornalismo e à comunicação social – I*.

Lisboa: Editorial Presença.

LEMOS, M. 2006. *Jornais diários portugueses do século XX: um dicionário*. Coimbra: Ariadne Editora.

LOUSADA, I. 2010. “Feminismo en la voz de una periodista feminista. Virgínia Quaresma.” In *XV Colóquio Internacional da Associação Espanhola de Investigação*

Histórica sobre as Mulheres. Bilbao: Associação Espanhola de Investigação Histórica.

Disponível em: <<http://run.unl.pt/handle/10362/4362>> [acedido a 10 Abril 2017]

MATOS, A. 2014. “The press in the first Portuguese Republic: constraints and guiding principles (1910 – 1926).” In Sousa, J. (org.) *A History of the press in the Portuguesespeaking countries*. Lisboa: Media XXI, pp. 179-260.

MIRANDA, P. 2014. “Agência de notícias.” In Rollo, M. F. (coord.) *Dicionário de História da I República e do Republicanismo, Vol. I: A-E*. Lisboa: Assembleia da República, pp. 37-40.

MIRANDA, P. 2005. *O jornalismo em Portugal. Elementos para a arqueologia de uma profissão (1865-1925)*. Tese de Doutoramento. Universidade de Évora.

NUNES, M. F. 2014. “Indústria. Imprensa/ Jornais e revistas.” In Rollo, M. F. (coord.) *Dicionário de História da I República e do Republicanismo, Vol. II: F-M*. Lisboa:

Assembleia da República, pp. 439-442.

PARAMÉS, J. 2013. *Sobroso. Baluarte histórico de Galicia (siglo XI)*. Vilasobroso.

QUEIRÓZ, E. 1879. *O crime do Padre Amaro. Cenas da vida devota*. (Edição comemorativa do primeiro centenário do nascimento do genial romancista). Porto: Lello & Irmão Editores.

REEVES, N. 2000. *Ancient Egypt. The great discoveries. A year-by-year chronicle*. London: Thames & Hudson.

SARDICA, J. 2014. “Imprensa. Títulos.” In Rollo, M. F. (coord.) *Dicionário de História da I República e do Republicanismo, Vol. II: F-M*. Lisboa: Assembleia da República, pp. 344-357.

SEIXAS, M. A. A. 2004. *Virgínia Quaresma [1882-1973]: a primeira jornalista portuguesa*. Dissertação de mestrado em Comunicação e Jornalismo apresentada à FLUC.

SILVA, G. 2010. “A teorização do jornalismo em Portugal: I República (de 5 de Outubro de 1910 a 28 de Maio de 1926).” In Sousa, J. (Coord) *O Pensamento Jornalístico Português: das origens a Abril de 1974, Vol. I*. Lisboa: LabCom, pp. 177-192.

SILVA, S. 2002. “Contributo para uma história das agências nacionais portuguesas” in <http://www.bocc.ubi.pt/pag/silva-sonia-agencias-noticiosas-portugal.html> [acedido a 4 de Dezembro de 2016]

TENGARRINHA, J. 1965. *História da imprensa periódica portuguesa*. Lisboa: Portugália.

TENGARRINHA, J. 1981. “Imprensa.” In Serrão, J. (dir.) *Dicionário de História de Portugal. Volume III: F/L*. Porto: Livraria Figueirinhas, pp. 246-273.

UNESCO. 1953. *Les Agences télégraphiques d'information*. Paris, UNESCO.

<<http://unesdoc.Unesco.org/images/0007/000734/073446eo.pdf>> [Acedido a 4 de Dezembro de 2016]

VARGUES, I. 2006. “Nota de Apresentação.” In *Jornais diários portugueses do século XX: um dicionário*, Mário Matos Lemos, 30 – 73. Coimbra: Ariadne Editora.